

fonte: 73 class.: 194
 data: 11/12/94 pg.: 16

Madeirasas descobrem novo filão

■ Assacu, árvore da Amazônia, dura mais, cresce rápido e já tem aceitação no mercado

ORLANDO FARIAS

ITACOATIARA, AM — As grandes madeiras da Amazônia podem ter descoberto na selva sua galinha dos ovos de ouro para substituir espécies em extinção. Trata-se da espécie assacu (*Hura crepitans*), árvore que cresce em todas a região e que começou a ter boa aceitação como laminados e compensados no mercado internacional este ano.

A árvore começou a ser pesquisada há dois anos. Com 35 metros de altura e dois a três de diâmetro, ela pode ter aproveitado até 50% de seu porte, 20% da maioria.

A maior vantagem é a durabilidade, capaz de satisfazer um mercado cada vez mais exigente. "A madeira da parte mais resistente da árvore, em seu âmago, dura de 40 a 50 anos", diz o presidente do Sindicato das Indústrias Madeiras do Amazonas, Mário Moraes. Segundo ele, ela pode se tornar em pouco tempo a maior fonte de exportação das madeiras na Amazônia.

A madeira era aproveitada apenas como bóia para casas flutuantes, além de servir de jangada para transportar madeiras nobres que afundam. Segundo Mário Moraes,

sempre se descartaram as pesquisas com a espécie por causa do perigo que representa quando extraída por processos rudimentares.

Sua seiva é tóxica e provoca queimaduras graves. "Cortar assacu apenas de machado é quase suicídio", diz o cortador Moisés Pereira, 40 anos, há 25 no ramo. Pereira considera, porém, que a árvore é ideal para o beneficiamento de compensados. "Troncos grandes são sempre os melhores para se trabalhar", ressalta Pereira.

A árvore assacu fez o seu batismo de fogo no mercado internacional em 94. "Vendemos pequenos

volumes para os maiores importadores do mercado. Foi uma apreensão", diz o diretor-presidente da madeireira Ghetal, Francisco Comerlato. A espécie representou 1% das exportações das madeiras da região, mas a previsão para 95 é mais promissora. A Ghetal espera exportar entre 6% e 7%.

A assacu tem outro fator a seu favor para torná-la a coqueluche deste ramo: cresce mais rápido. Com dez anos de replantio, está pronta para o corte, ao contrário da sumatúma, que leva até 15 anos, e a virola, que só pode ser abatida comercialmente após 20 anos.

Cemitério de árvores

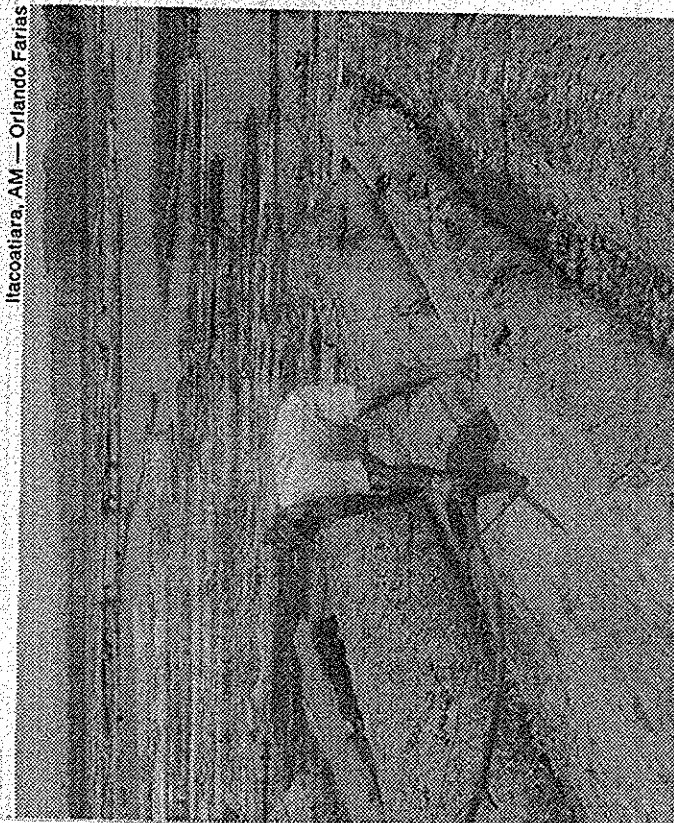
Milhares de metros cúbicos de árvores abatidas podem estar se estragando no *Lago do Quelé*, em Itacoatiara, considerado o maior depósito fluvial de madeira do mundo. A denúncia, feita em outras ocasiões por ambientalistas, foi reforçada pelo deputado Sebastião Nunes (PT).

"O lago virou um grande cemitério de árvores", acusa o deputado. Ex-diretor do Sindicato dos Trabalhadores Madeiros de Itacoatiara, ele afirma que a utilização do lago como depósito também prejudica a navegação entre os rios Amazonas e Urubu, a 5 km de Itacoatiara.

O superintendente em exercício do Ibama, José Maria Lira, admite que em épocas de seca, como agora, o depósito prejudica a navegação. Com capacidade para estocar até 150 mil metros cúbicos de madeira, o Lago do Quelé virou o principal alvo dos ecologistas na Amazônia.

As madeiras contestam. "O Lago do Quelé funciona legalmente como depósito", assegura Francisco Comerlato, da madeireira Ghetal, negando que haja madeira nobre apodrecendo no fundo das águas.

Itacoatiara, AM — Orlando Farias



Moisés Pereira aprova a descoberta, mas alerta para a seiva venenosa